

ISSN 2447-4177



ARQUIVO EM CARTAZ 2020
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ARQUIVO

Memórias do tempo presente

registros da pandemia



**Memórias do
tempo presente**
registros da pandemia

Copyright © 2020 Arquivo Nacional
Praça da República, 173
20211-350 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Telefones: (55 21) 2179-1253



Esta obra está licenciada sob uma Licença
Creative Commons – Atribuição CCBY 4.0,
sendo permitida a reprodução parcial ou total, desde que
mencionada a fonte.

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Justiça e Segurança Pública
André Luiz de Almeida Mendonça
Diretora-geral do Arquivo Nacional
Neide Alves Dias De Sordi



Coordenadora-geral de Acesso e Difusão Documental
Luana Farias Sales Marques

Coordenador-geral de Administração
Leandro Esteves de Freitas

Coordenadora-geral de Gestão de Documentos
Mariana Barros Meirelles

Coordenadora-geral de Processamento e Preservação do Acervo
Aluf Alba Elias

Coordenadora-geral regional no Distrito Federal
Larissa Candida Costa

Coordenador de Documentos Audiovisuais e Cartográficos
Antonio Laurindo

Coordenadora de Pesquisa, Educação e Difusão do Acervo
Leticia dos Santos Grativo

Coordenador de Preservação do Acervo
Tiago César da Silva

Realização
Arquivo Nacional

GRUPO DE TRABALHO ARQUIVO EM CARTAZ

Coordenação-executiva
Antonio Laurindo
Sylvana Cotrim Lobo

Curadoria
Carlos Eduardo Marconi de Carvalho
Januária Teive de Oliveira

REVISTA ARQUIVO EM CARTAZ

Edição
Antonio Laurindo
Carlos Eduardo Marconi de Carvalho
Januária Teive de Oliveira

Preparação de originais e revisão
José Claudio Mattar
Mariana Simões

Pesquisa de imagens
Antonio Laurindo
Januária Teive de Oliveira

Projeto gráfico e diagramação
Alzira Reis

Arte da capa
Simone Kimura

Imagem da capa: BR_RJANRIO_PH_0_FOT_06158_026

novembro | 2020



ARQUIVO EM CARTAZ 2020

FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ARQUIVO

Apresentação	5
Antonio Laurindo Cadu Marconi Januária Teive	
Breve relato de dias de pandemia	9
Marcus Vinicius Pereira Alves	
A experiência da escassez no audiovisual feito na e pela periferia	16
Wilq Vicente	
Do alto de uma janela um tecido preto se balança pelos ares: mulheres e Covid-19 no Brasil	29
Melissa de Oliveira Pereira	
Uma visão da (in)justiça: arquivos de Harvard produzem um fruto estranho	40
Jarret M. Drake	
A canção no tempo pandêmico	45
Rafael José Azevedo	
Museu de um mundo estilizado: cartografia de um tempo pandêmico	57
Monica Klemz	
Sobre a pesquisa de imagens em produções culturais: um breve relato	68
Priscila Serejo	
De relatos a coleção: testemunhos do isolamento	78
Beatriz Kushnir	
Acervo, pandemia e televisão: relato de experiência na TV Globo	88
Ester Eiko Duarte Kimura	

**FECHADO
POR FALTA DE
GARANTIAS.**



Apresentação

Antonio Laurindo
Cadu Marconi
Januária Teive
Editores

Em março deste ano, havia aqueles que iriam a um show na sexta com os amigos, mas a apresentação foi cancelada. Era aniversário de alguém no sábado, um churrasco. Adiado indefinidamente. Também foi assim com a ida ao estádio para ver o clássico regional. Aquele filme que estrearia nos cinemas – para o qual os amigos tinham combinado de ir – não estreou, pois sala de cinema lotada virou a definição do perigo distópico. E a palavra de ordem mais sensata, contramão das orientações de praxe dos movimentos sociais, era “fique em casa”.

Esse passou a ser nosso dia a dia, assolado por um vírus desconhecido, o Sars-CoV-2, que chegava não só ao Brasil, mas a todo o continente latino-americano, depois de ceifar vidas na Europa e na Ásia. Das nossas vivências cotidianas – o show, a boate, a festa com amigos, o cinema, o futebol – muitas se tornaram perigosas, pelo medo da contaminação. Se, pelo lado individual, o lado do espectador, do consumo, essas pequenas alegrias se tornaram inviáveis, há o lado de quem produz, toca, filma, joga, enfim, trabalha. Cadeias de produção no campo da cultura, da arte, da memória tiveram que se reinventar, ou mesmo paralisar suas atividades.

Quando se fala em trabalho, há quem não pôde ficar em casa. Profissionais da saúde, do essencial Sistema Único de Saúde, o SUS, entregadores, trabalhadores de farmácias e supermercados tiveram que se expor aos riscos em nome da vida coletiva. Com os transportes drasticamente reduzidos, houve dias em que as ruas da cidade, ou pelo menos aquelas do centro político e comercial, estavam desertas: silenciosas, vazias, cenário dos piores filmes de apocalipse zumbi. Com uma diferença: o filme acaba em aproximadamente duas horas. As consequências de uma pandemia, nos traumas e na economia, terão ainda bastante sobrevida.

Diante deste ano tão confuso, tentamos constantemente sistematizar o mundo em nossas cabeças e dar vazão à vontade de debater, de ver, de sentir. É nesse sentido que organizamos o Festival Arquivo em Cartaz, pela primeira vez em formato online, mas mantendo suas diversas iniciativas: Mostra Competitiva, Oficina Lanterna Mágica, Arquivo Faz Escola, Arquivos do Amanhã, oficinas técnicas, mesas de debates. Todas realizadas através das telas.



A revista Arquivo em Cartaz 2020 também volta seus esforços, em sua sexta edição, para entender o impacto da pandemia em nossos registros, produções, imagens e trabalho com arquivos. Pôr em ordem, tentar compreender, é tarefa coletiva de nossas instituições públicas e privadas ligadas à pesquisa e à memória. É, portanto, um funcionário do Arquivo Nacional que dá o pontapé inicial à nossa revista neste ano: Marcus Vinicius, servidor da equipe de Processamento Técnico de Documentos Audiovisuais, Sonoros e Musicais, escreve um relato pessoal e corajoso sobre a rotina do trabalho em casa, misturando labuta e afeto, dificuldades e resultados.

O artigo seguinte, de Wilq Vicente, faz um apanhado da produção audiovisual recente sobre o universo da periferia brasileira. Parte de uma arqueologia das abordagens negras e suburbanas para fazer um levantamento contemporâneo do que tem sido realizado na cinematografia brasileira, ainda que sem financiamento e inventando respostas para as necessidades mais básicas do financiamento de filmes. Traz em seu título “a experiência da escassez” como marca da produção na e para a periferia e, em seu texto, aponta caminhos para se produzir, mesmo no fio da navalha.

Logo em seguida, Melissa de Oliveira faz uma abordagem dos cruzamentos entre as desigualdades de gênero, classe e raça, através das cenas midiáticas do caso do menino Miguel, filho de uma empregada doméstica que trabalhava em um prédio de luxo no centro de Recife. O menino caiu do nono andar, enquanto estava sob os cuidados da patroa de sua mãe. Essa situação é ponto de partida para trazer dados e questionamentos sobre a condição da mulher brasileira durante a pandemia.

Buscamos também debater o racismo estrutural num artigo que dialoga com os movimentos Black Lives Matter, que eclodiram mundialmente durante a pandemia, inclusive no Brasil. Jarret Martin Drake é arquivista norte-americano e debate um caso paradigmático: uma pesquisadora negra tenta recuperar judicialmente daguerreótipos de seus ancestrais escravizados, Renty e Delia, que se encontram nos arquivos de Harvard. São imagens captadas por um supremacista branco no século XIX, ex-professor da mesma universidade.

Indo por outros caminhos, o artigo de Rafael José é mais leve: propõe repensar nossa relação com o som, encarar com ouvidos atentos as alterações na paisagem sonora que a pandemia traz, e perceber as memórias afetivas e possibilidades presentes do formato “canção”. Começa com um relato pessoal para sugerir ressignificações de canções antigas e entendimentos de canções do tempo presente.

Monica Klemz aponta para o futuro, para a realização de um “Museu de um tempo estilizado”, projeto imersivo em andamento, que pretende colocar lado a lado realidade virtual e os sons e imagens dos desmontes de favelas na cidade do Rio de Janeiro. O foco é a remoção da comunidade Vila Autódromo, em Jacarepaguá. O artigo relata as dificuldades presentes para o andamento, em meio à pandemia, de um projeto inovador como esse.

A abordagem da Priscila Serejo, sobre o cotidiano de pesquisadores do audiovisual, traz variados exemplos de eventos do próprio Arquivo Nacional que abordam a pesquisa imagética e os seus caminhos. Versa sobre as dificuldades atuais da pandemia, que distanciam o pesquisador de seu habitat, o arquivo, e sobre como driblar essas dificuldades.

Já os dois últimos artigos têm um caráter mais institucional: Beatriz Kushnir nos entrega um relato sobre o projeto “Testemunhos do isolamento”, instituído pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ) a partir do dia 16 de março de 2020. Debate a formação dessa coleção de relatos sobre as vivências da pandemia. São relatos em texto, mas também em som, fotografias e vídeos, recolhidos do site da instituição.

Ester Eiko, em seu artigo, descreve como as imagens do acervo audiovisual da TV Globo chegam até nós: quais os caminhos da descrição, catalogação, preservação e acesso. Aborda, ainda, as mudanças no formato de jornalismo da TV Globo durante a crise sanitária: o aumento do tempo dos telejornais ao vivo, as reprises de material arquivístico, a inserção de imagens de acervo na programação e a implementação do *home office*. São questões que percebemos através das TVs e celulares, e recebem, nesse artigo, uma sistematização bem ampla e interessante.

O Arquivo em Cartaz – Festival Internacional de Cinema de Arquivo finca mais uma vez raízes sólidas entre os festivais de cinema brasileiros, destacando-se não apenas pela exibição de filmes com imagens de arquivo, mas também como espaço de formação, reflexão e difusão dos acervos audiovisuais e da memória do cinema nacional. Agora explora pela primeira vez, pela imposição da realidade, territórios virtuais. Que nossos esforços sirvam para a reflexão e para arquivos cada vez mais integrados com as demandas profundas de nossa sociedade. Boa leitura!



Uma visão da (in)justiça: arquivos de Harvard produzem um fruto estranho¹

Jarret M. Drake

Arquivista norte-americano e pós-doutorando em
Antropologia Social pela Universidade de Harvard

Este é um artigo² que enviei ao jornal *Harvard Crimson*, que pretendia publicá-lo, mas depois voltou atrás nessa decisão. Para fins de transparência, publiquei toda a minha troca de e-mails com seus editores.³ Deve-se notar que o jornal, dirigido por estudantes e aparentemente independente da administração da universidade, se recusou a publicar uma matéria sobre Tamara Lanier em 2016, citando preocupações do Museu Peabody (ver página 16 do recente processo⁴ movido por Lanier). O jornal, em vez disso, publicou um artigo do então presidente da universidade, Drew Faust.

Na conferência Visão & Justiça,⁵ realizada em abril de 2019, e organizada pelo Instituto Radcliffe de Estudos Avançados, eruditos de Harvard e outros se reuniram para considerar os problemas mais urgentes na conjuntura de justiça, artes e raça. Em particular, a descrição da conferência⁶ caracterizou o “*direito fundamental de representação em uma democracia*” como “*o direito de ser reconhecido com justiça*”.

Portanto, foi curioso que nem o evento nem a publicação subsequente⁷ fizessem

1 Nota do editor: o título do artigo traz, no original, o termo “*bears a strange fruit*”, com referência à canção *Strange fruit*, composta por Abel Meeropol e gravada por Billie Holiday (1939). Na música, a terrível imagem de frutas estranhas pendendo de uma árvore faz alusão aos corpos de negros assassinados e enforcados em árvores no sul dos Estados Unidos no período pós-abolição.

2 Este artigo foi traduzido para o português por Alexandre Bertalan. Artigo original disponível em: <https://medium.com/@jmdrake/a-vision-of-in-justice-harvard-archives-bear-a-strange-fruit-30e645643df6>.

3 Ver: https://drive.google.com/drive/folders/1FKV_5a6TDwVp55UzLKm3645PT4-olbH9.

4 Ver: <https://drive.google.com/file/d/0B7yIYLMTOwI-Y3NUTG9aREZ5RlhtYmNLQktJNzk1WjczT0tJ/view>.

5 SU, Amanda Y. Scholars and activists convene at Harvard to talk arts, race, and justice. *The Harvard Crimson*, April 29, 2019. Cf.: <https://www.thecrimson.com/article/2019/4/29/radcliffe-vision-and-justice-2019/>.

6 Cf.: <https://www.radcliffe.harvard.edu/event/2019-vision-and-justice-convening>.

7 APERTURE announces free publication for historic convening at Harvard’s Radcliffe Institute. *Aperture News*, April 25, 2019. Cf.: <https://aperture.org/editorial/aperture-announces-free-publication-historic-convening-harvards-radcliffe-institute/>.

8 APPLEWHAITE, Che R.; MCCAFFERTY, Molly C. Harvard faces lawsuit alleging it unlawfully possesses and profits from first photos of slaves. *The Harvard Crimson*, March 21, 2019. Cf.: <https://www.thecrimson.com/article/2019/3/21/harvard-slavery-photo-lawsuit/>.



referência à luta contínua de Tamara Lanier⁸ para recuperar daguerreótipos de seus ancestrais escravizados, Renty e Delia, atualmente mantidos pelo Museu Peabody de Arqueologia e Etnologia de Harvard. A batalha de uma mulher negra contra Harvard por fotos de família, de alguma forma, não ganhou destaque no teatro Sanders durante uma conferência sobre imagens, que também contou com numerosos palestrantes e acadêmicos que construíram carreiras estudando a escravidão e seus desdobramentos.

A ausência é menos surpreendente dada a história de Harvard sobre o assunto. Em vez de dar a Lanier e sua família um “justo reconhecimento” da linhagem que os vincula às pessoas escravizadas nas imagens, Harvard passou anos refutando as reivindicações ancestrais de Lanier.⁹ Pamela Gerardi, diretora de relações externas da Peabody, negou publicamente a herança de Lanier em 2014, dizendo aos repórteres: “Ela não nos deu nada que conecte diretamente seu ancestral à pessoa em nossa fotografia”.

A declaração de Gerardi é particularmente perniciosa por dois motivos. Primeiro, o sistema de escravidão buscava especificamente cortar os laços familiares e as histórias dos escravizados. Assim, exigir que os negros produzam uma linhagem precisa, reforça a intenção racista da instituição. Segundo, Harvard se recusa a reconhecer a evidência documental que a família Lanier foi capaz de coletar e complementar por meio de uma rica tradição de história oral e de uma variedade de artefatos familiares.

Aparentemente, nem uma grande quantidade de evidências pôde convencer a universidade das reivindicações familiares de Lanier. Portanto, Harvard se apega à sua negação da história da família Lanier porque não pode contestar o ingrediente mais insidioso do passado dos daguerreótipos, que um supremacista branco, virulento e cientista, chamado Louis Agassiz, encomendou para conferir credibilidade científica às suas teorias de supremacia branca sobre a sociedade.

Agassiz nasceu na Suíça e eventualmente se mudaria para Paris, onde foi treinado em zoologia sob a tutela direta de Georges Cuvier, fato elogiado em pelo menos dois sites diferentes de Harvard. Entretanto, não é mencionado em qualquer das páginas que Cuvier tenha ganho reconhecimento na Europa como o cientista que dissecou o corpo de Saartje Baartman¹⁰ após sua morte em 1815, estimulado, sem dúvida, pelos anos em que cientistas, incluindo Cuvier, exibiram publicamente o corpo dela de forma exótica, na esperança de encontrar o elo perdido entre os humanos e outros animais. Cuvier criou um molde de plástico do corpo ainda quente de Baartman antes de retirar seu cérebro e genitália, que, junto com seu esqueleto, foram exibidos em dois museus franceses proeminentes até 1974. Mas Cuvier não parou por aí. Em 1817, ele publicou um relatório¹¹ amplamente lido sobre o corpo de Baartman no qual escreveu que “todas essas características, de uma forma quase imperceptível, se parecem em mulheres negras, mulheres bosquímanas e macacos”

9 BARRY, John. Norwich woman tracks down slave ancestor’s inspiring story. *The Bulletin*, March 1, 2014. Cf.: <https://www.norwichbulletin.com/article/20140301/NEWS/140309961>.

10 BARRY, John, op. cit.

e que “nunca tinha visto uma cabeça humana mais parecida com a dos macacos”.

Com Cuvier como seu mentor, não deveria ser surpresa que logo após receber uma das primeiras cátedras de ciências de Harvard, em 1847, Louis Agassiz imediatamente tenha procurado promover uma teoria, o poligenismo, em que argumentava que os humanos descendiam de vários ancestrais em oposição a um único comum. Não houve defensor mais famoso e reverenciado do poligenismo do que Louis Agassiz. Enquanto seu mentor Cuvier dependia do cadáver de uma mulher negra para fazer suas afirmações, Agassiz focou sua atenção em corpos vivos e usou a emergente tecnologia visual da época, o daguerreótipo, para mostrar sua concepção de supremacia branca.

Este foco chamou a atenção de Agassiz para a plantação da Carolina do Sul na qual Renty e Delia foram escravizados em 1850, quando os daguerreótipos foram feitos sem o consentimento deles, o que escravos eram legalmente incapazes de dar. Embora um fotógrafo local, Joseph T. Zealy, tenha feito as imagens infames, o estudo abundantemente publicado sobre o assunto¹² é absolutamente conclusivo de que ele fez isso a pedido de Agassiz. A pseudociência da supremacia branca de Agassiz era amplamente conhecida e aplaudida pelos donos de escravos da época, tendo seu nome sido mencionado no primeiro livro do ex-presidente de Harvard, Drew Faust, que examina a influência dos intelectuais no sul escravocrata.¹³

Mesmo após a publicação do livro *A origem das espécies* de Charles Darwin, em 1859, que pública e permanentemente desmascarou a teoria do poligenismo, Louis Agassiz permaneceu comprometido em coletar evidências em apoio à concepção de supremacia branca. Esse compromisso explica melhor por que, nas sombras da Guerra Civil dos Estados Unidos, Agassiz e sua esposa Elizabeth (ela mesma uma fundadora do Radcliffe College) viajaram em 1865 para o Brasil, onde a escravidão ainda era legal. No relato da viagem,¹⁴ publicado em 1869, o casal Agassiz concluiu: “Como macacos de braços longos, os negros são geralmente esguios, com pernas longas, braços longos e um corpo comparativamente curto, enquanto os índios têm pernas e braços curtos e corpo comprido, o tronco sendo também bastante pesado em sua complexão”.

Cinquenta anos depois de seu professor Georges Cuvier fazer declarações seme-

11 CUVIER, Georges. Extrait d'observations faite sur le cadavre d'une femme connue à Paris et à Londres sous le nom de Vénus Hottentotte, 1817. Cf.: https://archive.org/details/bub_gb_R2q2Weu3Q4IC.

12 WALLIS, Brian. Black bodies, white science: Louis Agassiz's slave daguerreotypes. *American Art*, v. 9, n. 2, p. 38-61, (Summer, 1995). Cf.: <http://www.jstor.org/stable/3109184?origin=JSTOR-pdf>; ROGERS, Molly. *Delia's tears: race, science, and photography in nineteenth-century America*. New Haven [Conn.]: Yale University Press, 2010; WALLACE, Maurice O.; SMITH, Shawn Michelle. *Pictures and progress: early photography and the making of African American identity* (E-Duke books scholarly collection). Durham: Duke University Press, 2012.

13 FAUST, Drew Gilpin. *A sacred circle: the dilemma of the Old South*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1977.

14 LOUIS Agassiz and polygenism. Center for the History of Medicine at Harvard Countway Library. Cf.: <http://collections.countway.harvard.edu/onview/exhibits/show/this-abominable-traffic/agassiz-and-polygenism>.

lhantes sobre o corpo morto e dissecado de Saartije Baartman, Agassiz seguiu os passos de seu famoso tutor francês para argumentar explicitamente com as visões da supremacia branca que, menos de cinco anos antes, destruíram uma nação e deixaram mais de meio milhão de pessoas mortas. A defesa firme de Agassiz do racismo científico, na época, não foi um momento único no tempo. Em vez disso, ele começou, sustentou e concluiu sua carreira acadêmica como um professor proeminente da supremacia branca.

Embora Harvard desafie a linhagem de Tamara Lanier, a universidade deveria examinar a linhagem de seu ex-professor “estrela” cujas expedições “científicas” ajudaram a engendrar a exploração de um número incontável de pessoas em todo o mundo. O presidente de Harvard, Lawrence Bacow, conversou recentemente com o jornal *Harvard Crimson*¹⁵ sobre o processo de Lanier e comentou: “Acho que temos a lei do nosso lado”. Os tribunais acabarão por decidir essa questão. Já é evidente, no entanto, que a história não está do lado de Harvard. Nos últimos 169 anos, Renty e Delia foram mantidos em cativeiro nos arquivos do Peabody. Cada dia que passa dá a Harvard uma chance de corrigir esse erro e reconhecer que a coisa certa a fazer é encarar todos nós de frente, se pelo menos ousássemos ver.

15 CHAIDEZ, Alexandra A.; RYAN, Aidan F. Harvard has ‘the law on our side’ in lawsuit over photos of slaves, Bacow says. *The Harvard Crimson*, April 17, 2019. Cf.: <https://www.thecrimson.com/article/2019/4/17/bacow-responds-lawsuit/>.